



Gente que vira estátua: o Monumento ao Expedicionário de Campos dos Goytacazes¹

People who become statues: the
Monument to the Expeditionary, from
Campos dos Goytacazes (RJ), Brazil

Personas convertidas en estatuas:
el Monumento al Expedicionario, de
Campos dos Goytacazes (RJ), Brasil

Gabriel Motta Costa²

Recebido em: 30 jan. 2025
Aceito para publicação em: 12 mar. 2025

¹ Este artigo é parte de um dos capítulos da dissertação de mestrado intitulada *Gente que vira estátua: imagem, memória e civismo – O Monumento ao Expedicionário de Campos dos Goytacazes e o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (1942-1960)*. A pesquisa contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ), mestre em História Política pela UERJ. Pesquisador e membro do Grupo de Pesquisa Dimensões Regime Vargas e do Laboratório de História do Poder e das Ideologias (LAHISPI/UFF-Campos). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2903-8574>.

Resumo: Este artigo tem o intuito de promover uma análise historiográfica sobre o projeto cívico pedagógico de mobilização social de culto à nação por meio do Monumento ao Expedicionário, da cidade de Campos dos Goytacazes. Para tanto, realizou-se uma revisão de produções bibliográficas de relevância que contribuíssem para o debate proposto a respeito das questões estudadas, assim como uma análise crítica de fontes documentais, como periódicos, o livro biográfico dos praças campistas e o *Livro de Ouro de Campos dos Goytacazes*.

Palavras-chave: Monumento ao Expedicionário; Campos dos Goytacazes; Força Expedicionária Brasileira; memória; civismo.

Abstract: This article aimed to historiographically analyze the civic-pedagogical project of social mobilization through the worship of the nation via the Monument to the Expeditionary, in the city of Campos dos Goytacazes (RJ), Brazil. To this end, a review of relevant bibliographical productions that contributed to the proposed debate regarding the issues studied was carried out, as well as a critical analysis of documentary sources, such as periodicals, the biographical book of the Campos soldiers, and the *Gold Book of Campos dos Goytacazes*.

Keywords: Monument to the Expeditionary; Campos dos Goytacazes; Brazilian Expeditionary Force; memory; civic spirit.

Resumen: Este artículo tuvo como objetivo promover un análisis historiográfico del proyecto cívico y pedagógico de movilización social de culto a la nación por medio del Monumento al Expedicionario, en la ciudad de Campos dos Goytacazes (RJ), Brasil. Para eso, se realizó una revisión de producciones bibliográficas relevantes que contribuyeron al debate propuesto respecto a las cuestiones estudiadas, así como un análisis crítico de fuentes documentales, como publicaciones periódicas, el libro biográfico de los soldados de Campos y el *Livro de Ouro de Campos dos Goytacazes*.

Palabras clave: Monumento al Expedicionario; Campos de Goytacazes; Fuerza Expedicionaria Brasileña; memoria; ciencia del derecho cívico.

INTRODUÇÃO

São notáveis as crescentes manifestações na sociedade contemporânea em relação à noção de patrimônio usada para fazer referência aos objetos culturais produzidos como representações de uma determinada sociedade ou época, assim como representações de poderes simbólicos. Os processos sociais desenvolvidos em contextos específicos têm inspirado a criação e a consolidação de estudos nas Ciências Sociais, investigando ações da memória coletiva, movimentos de afirmação identitária, entre outros.

As peças que compõem a imaginária urbana³, ao serem elevadas à categoria de “patrimônio cultural” pela comunidade da qual fazem parte, servem também à construção e comunicação de uma identidade nacional ou étnica (Gonçalves, 2007). Assim, um dos elementos de grande importância na construção de peças de caráter histórico é o recurso biográfico.

³ Paulo Knauss (1998, p. 45) define o termo *imaginária urbana* como “o conjunto das imagens da cidade, que encontram seus suportes materiais em objetos identificados com o espaço público da cidade”. Por se tratar de um termo que compreende um universo amplo e variado, abarca não apenas as peças escultóricas, mas igualmente todas as manifestações inscritas no espaço das cidades em que se apreende um discurso sobre a sociedade urbana.

Aqueles que foram ou serão eternizados em bronze ou pedra e que ocupam ou ocuparão o espaço público, de um modo ou de outro, representam a nação, haja vista que “a nação é identificada com indivíduos reais, sendo portadora dos mesmos atributos destes: caráter, personalidade, autonomia, vontade, memória etc.” (Gonçalves, 2007, p. 266). Podemos fazer uma pequena metáfora ao compararmos as peças de caráter histórico a “espelhos da nação”, que, por meio da estratégia da retórica de identificação com a imagem, refletem as qualidades e ideais a serem almejados por aqueles que as contemplam.

Além da qualidade de evocação de atributos a serem reforçados por uma comunidade, as peças de caráter histórico possuem o poder de evocar o passado. Os monumentos, portanto, podem ser considerados como parte orgânica do passado, já que, por seu intermédio, se estabelece uma relação de continuidade com o tempo pretérito.

Os monumentos escultóricos de caráter histórico, nesse sentido, podem ter sua intenção compreendida para além do simples ato de “fazer lembrar”, podendo ser também identificados como elementos do processo cívico pedagógico (Knauss, 1998). O projeto cívico pedagógico inscreve-se nas linhas da “tradição seletiva”, “o que, nos termos de uma cultura dominante efetiva, é sempre assumido como ‘a tradição’, ‘o passado significativo’” (Williams, 2011, p. 54).

Compreender essa seleção, a valorização de um evento histórico, os dispositivos de recordação ou esquecimento, como define Peter Burke, faz parte da “história social do lembrar”. Segundo Burke (2000, p. 73), “as memórias são influenciadas pela organização social de transmissão e os diferentes meios de comunicação”. Desse modo, ao tomarmos nosso objeto, o Monumento ao Expedicionário de Campos dos Goytacazes, como documento, buscamos identificar o “complexo processo de seleção e interpretação [...] pelos quais se registra e recorda o passado” (Le Goff, 1992, p. 71-73).

Os monumentos escultóricos de caráter histórico, que buscam eternizar uma narrativa ou personagem histórica, assim como os rituais e as cerimônias que promovem sua recepção social e política, podem ser percebidos como elementos pedagógicos do civismo. A ação individual que será louvada e a escolha de qual passagem da história nacional será consagrada e suspensa do processo histórico para representar o todo servem como elementos aglutinadores de pertencimento e de identificação. Essas peças memorativas, embora estáticas em sua forma material, de nenhuma maneira estão inertes; a ação do tempo e as novas conjunturas que se desenrolam no meio social ao qual pertencem fazem com que seus significados sejam constantemente ressignificados, revelando o grande teor político dos sentidos da memória.

A presente pesquisa buscou reconhecer e delinear como o Monumento ao Expedicionário de Campos dos Goytacazes fez parte do projeto cívico pedagógico de exaltação da nação, analisando o processo de construção, inauguração e recepção da peça.

Como esforço historiográfico foi analisada uma série de fontes documentais impressas que permitiram compreender a idealização, a construção e a inauguração do monumento, além de sua recepção pelo tecido social. Foram selecionados: o jornal *Monitor Campista*, que circulava por Campos dos Goytacazes; documentos como o *Livro de ouro de Campos dos Goytacazes* e o livro produzido pelas alunas do 2.º ano da Escolaridade de Professoras do Instituto de Educação de Campos do ano de 1945, que apresenta um dossiê sobre aqueles que partiram de Campos para a guerra; entrevista com Joaquim Cardoso de Menezes, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB); documentos do acervo do Museu da Casa da FEB, da Biblioteca Municipal Nilo Peçanha, do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, do Arquivo Nacional,

do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj), do Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, da Câmara de Vereadores de Campos dos Goytacazes, da Biblioteca do Exército (Bibliex), do museu do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial e da Biblioteca Nacional, além do próprio monumento físico construído para saudar os ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial em Campos dos Goytacazes.

Vale ressaltar que o Monumento ao Expedicionário campista celebra duas memórias distintas: a do Voluntário da Pátria Manoel Theodoro de Almeida Batista e a dos praças que lutaram pela FEB. Esse choque e disputa, e por vezes a sobreposição de memórias em uma mesma peça, ocorrem também porque, em seu subsolo, estão enterrados os restos mortais de Manoel Theodoro, que morreu na Batalha do Tuiuti. Isso leva, como será exposto nas páginas seguintes, a problemas de identificar a que esse monumento se refere.

MEMÓRIAS DE CONCRETO

A morte decreta apenas a finitude da vida e da existência física, mas mostra-se como o início de uma nova forma de presença: a simbólica. Na sociedade contemporânea ocidental, apesar dos temores sobre a finitude da vida, a morte ocupa lugar na paisagem urbana, na credence popular, em datas comemorativas etc. As necrópoles e as construções monumentais que habitam as cidades como santuários dos inumados, juntamente com a instituição de datas comemorativas cristãs em homenagem aos falecidos, como o Dia de Finados, demonstram o caráter sacro que envolve tal âmbito e seus ritos (Catroga, 2010). No espaço público, a presença da ausência dá-se também pelo erigir de cenotáfios e túmulos dos soldados desconhecidos. Nesse caso, a morte e a sua comemoração pública tornam-se laicas e são imbuídas pela aura simbólica do nacionalismo, criando o que Anderson (2008, p. 35) destaca como “raízes culturais do nacionalismo pela morte”.

Não é incomum, ao circular pelas cidades, depararmos com estátuas, bustos, efígies e monumentos alusivos a indivíduos que tombaram em combate ou a passagens da história militar nacional. Se por um lado essas peças e suas comemorações aspiravam emanar simbolicamente a nação, por outro tais movimentos se conjugavam numa luta imediata contra o esquecimento. Nesse processo, os ritos, principalmente os funerários, podem ser compreendidos como um ato social de exorcização da morte e restauração da ordem. Como afirma Catroga (2010, p. 165),

é que também a sociedade se move por um desejo de eternidade. E, como ela se sente e quer ser imortal, é-lhe igualmente inaceitável que os seus membros — e, mais dramaticamente, aqueles que a encarnam e com quem ela se identifica — estejam destinados a desaparecer.

Nessa perspectiva, ao atribuir sentido político ao martírio dos eternizados em bronze ou concreto, poderiam ser garantidas sua existência no imaginário social, a criação de laços identitários e a consolidação social.

Se, de fato, ontologicamente a morte remete para o não-ser, é na memória dos vivos que os mortos poderão ter perdurada a sua existência. Daí a importância, seja nas necrópoles ou no espaço público, dos ritos, dos signos e dos símbolos, que atuam como dissimuladores do sem-sentido da morte e na somatização do cadáver. Convidam ao rememorar, ao mesmo tempo em que encobrem o que se pretende esquecer e recusar. Assim, “a camada semiótica tem por papel encobrir o cadáver, transmitindo às gerações vindouras os signos capazes de individuarem e ajudarem a re-presentação, ou melhor,

a re-presentificação do finado” (Catroga, 2010, p. 168). E, quando lembramos que o termo signo deriva da palavra grega *sêma*, que tem justamente por primeiro sentido o de *túmulo*, podemos inferir que os signos remetem àquilo que está ausente, ou seja, tornam presente por meio de representações aquilo que não está mais manifesto. Posto isso, por serem símbolos carregados de signos, os monumentos fúnebres são, simultaneamente, a exteriorização de consciência do homem de que tudo o que é vivo morre; a afirmação do seu direito à memória e, de certa forma, a seguridade de imortalização no plano terreno.

Desde o fim da guerra na Europa e o subsequente retorno dos campistas mobilizados pela FEB, a Associação de Imprensa Campista e representantes políticos regionais começaram a articular a construção de um monumento em homenagem aos praças campistas que lutaram na Segunda Guerra Mundial e a Manoel Theodoro de Almeida Batista, Voluntário da Pátria da Guerra do Paraguai.

Em 1946 a notícia sobre a construção de um monumento corria na cidade pelas páginas do *Monitor Campista*: “adiantados os trabalhos do monumento ao expedicionário. [...] Já estão fundidas as peças dessa obra de arte, que medirá 7 metros de altura e será colocada numa das principais praças da cidade” (*Monitor Campista*, 20 abr. 1946, p. 1). A expectativa era de que a inauguração da peça fosse em maio, conjugada às comemorações do Dia do Trabalhador, como indica o *Monitor Campista* (20 abr. 1946, p. 1): “os trabalhos de assentamento terão início brevemente, e a inauguração talvez se realize no próximo mês de maio”. Outro fato noticiado e de grande importância simbólica foi a iniciativa de traslado dos despojos de Manoel Theodoro de Almeida Batista para a base do monumento. A inauguração do Expedicionário de Campos só ocorreria no ano seguinte, em 14 de abril de 1947, data de aniversário da Batalha de Montese⁴.

Seguindo a maré patriótica nacional, Campos pôs em prática o projeto de eternizar seus heróis em bronze. A iniciativa partiu do meio privado, tendo como principais apoiadores Thiers Cardoso, um importante médico regional, e Alcides Carlos Maciel, presidente da Associação de Imprensa Campista, que formaram a Comissão Pró-Monumento ao Expedicionário, junto de outros nomes importantes da sociedade campista como: Sílvio Fontoura, Gumercindo Freitas, Júlio Nogueira, Dr. Mário Ferraz Sampaio, Hervé Salgado Rodrigues, Latour Arueira, Gastão Machado, Maria Queirós de Oliveira, Izaura Santos Cruz, Joaquina Mendes Belo de Campos, Dra. Maria da Penha Bueno e Maria Izabel Peixoto.

Apesar de a iniciativa do Expedicionário ter partido do meio privado, o *Monitor Campista* (20 abr. 1946, p. 1) declarava que o monumento seria erguido pelo povo, por meio de uma subscrição pública sob a responsabilidade da Comissão Pró-Monumento ao Expedicionário. A Comissão escolheu o escultor Modestino Kanto para dar forma à estátua do Soldado Desconhecido.

Modestino Kanto era natural da cidade de Campos, nascido no ano de 1889. Começou sua jornada artística em 1908, ao ingressar na Escola Nacional de Belas Artes, e foi premiado com uma viagem de estudos para a França no Salão Nacional de Belas Artes. Entre suas produções, além do Expedicionário de Campos, se destacam o Monumento a Deodoro da Fonseca, localizado no bairro da Glória, Rio de Janeiro, onde repousam os restos mortais do primeiro presidente da República desde 15 de novembro de 1937; as alegorias da Independência e da República no Palácio Tiradentes, prédio que abriga a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj); o busto de Arariboia de

⁴ Uma das mais importantes batalhas vencidas pela FEB durante a Campanha da Itália. Cf. Ferraz (2005).

1914, erguido na praça que leva o mesmo nome, em homenagem ao fundador da cidade de Niterói durante a comemoração do IV centenário da fundação da cidade⁵, além de outras peças que compõem a imaginária urbana de outras cidades do país.

A ideia de eternizar os heróis campistas que participaram ativamente da história militar nacional não era nova. Segundo Alberto Lamego (1942), renomado geógrafo e memorialista local, desde o fim da Guerra do Paraguai a Câmara Municipal de Vereadores de Campos debatia a proposta de erigir um monumento em homenagem aos campistas Voluntários da Pátria. Em 22 de março de 1870, o Dr. Tomaz Coelho e o vereador Dr. Miranda Pinto, sob a presidência da Câmara Municipal, apresentaram o projeto de organizar uma comissão com o intuito de homenagear os campistas que lutaram na guerra. Os responsáveis por tornar possível a proposta foram João de Almeida Pereira, Josino do Nascimento da Silva, Barão de Carapebus e Dr. Candido Gomes de Vasconcelos Guanabara, que logo se manifestaram:

Proponho [*sic*] que esta Câmara manifeste o seu regosijo, pela faustosa notícia da terminação da guerra, fazendo celebrar um solene Te-Deum a que assistirá, e para o qual convidará todas as autoridades e habitantes deste município. Que sufraguemos com uma missa solene pelos dignos mortos nos campos de batalha – a dignidade nacional lhes deve eterna gratidão. Proponho finalmente, que se nomeie e encarregue a uma comissão de promover pelo município, os meios de erigir um monumento de gratidão com que se perpetuem os nomes dos briosos voluntários campistas. Que se solenise com pompa o ato inaugurado do dito monumento, sendo para esse fim convocado pela Câmara Municipal, o concurso dos filhos e de todos os habitantes de Campos (Sala das Sessões, 22 de março de 1870 *apud* Lamego, 1942, p. 206).

O fim da Guerra do Paraguai e os Voluntários da Pátria campistas foram celebrados pela população local na Praça São Salvador. Na parte central da praça foi erguida uma coluna em homenagem àqueles que defenderam a Pátria. Antes mesmo de o conflito terminar, em 1862 o renomado pintor francês Clovis Arrault foi contratado pela Câmara Municipal para eternizar em óleo sobre tela o embarque dos voluntários campistas no Porto das Escadas, na região da Lapa, às margens do Rio Paraíba do Sul, rumo ao Paraguai. Quando terminada, a obra “Convocação dos Voluntários da Pátria” foi exposta na Câmara Municipal⁶.

A mobilização e as sessões na Câmara Municipal para a criação de uma comissão pró-monumento aos voluntários, as comemorações e as homenagens com o fim da guerra não garantiram, contudo, o erguimento do monumento. Sobre a fugacidade e fragilidade dessa passagem, Lamego (1942, p. 207) comentou:

Quanto à ideia do monumento tão bem recebida pelo público, bem depressa foi esquecida, como também os voluntários campistas. Nunca é tarde para resgatar uma dívida. A nossa mocidade que todos os quadrantes da pátria se vai levantando para cultura a memória dos que deixaram nos nossos anais a suave recordação de seus feitos, lembramos a ereção de um singelo monumento em que se perpetue o patriotismo dos abnegados voluntários campistas.

⁵ Em 1973 o busto de Arariboia, de Kanto, foi substituído pela estátua atual de Arariboia, que podemos observar ao sair das barcas ou ao transitar pela Praça Arariboia, em Niterói.

⁶ Atualmente o quadro integra o acervo do Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, estando exposto para visitação em uma das galerias da instituição.

Menos de um século depois de as aspirações da Câmara Municipal de Campos em erigir um monumento em homenagem aos seus Voluntários da Pátria não terem sido concretizadas, foi inaugurado na cidade de Campos dos Goytacazes, em 14 de abril de 1947, o Monumento ao Expedicionário, que consagra homens e mulheres campistas que participaram da Segunda Guerra Mundial⁷.

De acordo com o *Monitor Campista* (20 abr. 1946, p. 4), o soldado de bronze não era totalmente desconhecido. O modelo que serviu para o monumento foi Erneziro Chagas, um dos praças campistas que tombaram na guerra. Excluindo a informação do periódico, não encontramos nenhuma outra referência a essa questão.

A idealização do monumento ocorreu concomitantemente às mudanças que a cidade sofria desde o início dos anos 1940, com os projetos de modernização de Mário Motta e Salo Brand. O local escolhido para abrigar o monumento foi a Praça Santíssimo Salvador, símbolo de representação da cidade, que havia sido remodelada⁸.

Poucos anos antes de as reformas da década de 40 se iniciarem, a praça foi palco do “massacre integralista de 37”⁹. Dez anos mais tarde, a mesma praça era palco de novo ato político: a inauguração do Monumento ao Expedicionário.

O monumento traz em sua retórica dois eventos históricos distintos, o que pode causar certa confusão em seus observadores e, mesmo sem intenção, o choque entre memórias. Lembramo-nos de quando perguntamos a alguns transeuntes que circulavam pela Praça Santíssimo Salvador sobre a que a estátua fazia referência. O intuito da pergunta não era compor uma pesquisa de campo de História Oral, mas apenas perceber se a imagem havia perdido seu sentido, sendo ignorada na paisagem, e se aqueles que percorriam a região em seu cotidiano saberiam, ao menos, identificar que referências da história local e nacional o Expedicionário guarda consigo. As respostas foram diversas, desde tímidas afirmações em tom de dúvida sobre a ida dos Voluntários da Pátria à Guerra do Paraguai e dos praças que partiram para a Segunda Guerra Mundial até a afirmações de que a peça era referência à “gloriosa revolução de 64”, e outros que não souberam responder.

Assim como os demais monumentos em homenagem aos febianos que partiram para a guerra, o Expedicionário traz em sua retórica a democracia, a liberdade, o civismo, o sacrifício, a honra, a integridade nacional e os valores humanos. O que se destaca é que a “narrativa não comunica a importância do Exército e seu papel na construção da nação, mas os valores de uma sociedade civil” (Rosenheck, 2008, p. 13).

O Expedicionário de Campos celebra o heroísmo, o patriotismo e o civismo do povo campista¹⁰. Sua lógica monumental consagra o envolvimento direto de Campos

⁷ Ao analisarmos a lista de convocados e voluntários para a formação das fileiras da FEB, bem como as listas publicadas nos jornais locais, estima-se que cerca de 200 campistas foram convocados. Do contingente total de enfermeiras enviadas para o *front* europeu, duas eram campistas: Maria José Vassimon de Freitas e segunda-tenente enfermeira Lília Pereira da Silva.

⁸ Impulsionado pelos investimentos da elite local e de suas pretensões políticas, o poder público de Campos promoveu uma remodelação da cidade. As mudanças estéticas no tecido urbano elevaram Campos ao padrão moderno em voga na época. Essa reestruturação foi motivada pelo desejo de sua elite em transformar Campos dos Goytacazes na nova capital do estado fluminense. Sobre o assunto, ver Sanz (2019) e Costa (2024).

⁹ O núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento de tendências fascistas e com forte apelo católico, promovia um comício na Praça São Salvador quando ocorreu um confronto violento entre integralistas e a polícia local. O embate resultou em mortes de homens, mulheres e crianças, além de deixar muitos feridos. Ver Instituto Geográfico de Campos (2024).

¹⁰ No ano de 2011, o monumento passou por uma restauração e foi cercado por grades e um jardim. Ainda no mesmo ano, foi tombado pelo Conselho de Patrimônio e Preservação Histórica e Cultural de Campos, por meio da Resolução n.º 003, de 27 de dezembro de 2011.

dos Goytacazes nas duas maiores guerras de que o Brasil participou de forma direta: a Guerra do Paraguai e a Segunda Guerra Mundial. Em ambos os conflitos, consolidou-se o sentimento de retaliação.

O monumento foi erigido na principal praça da cidade, Praça Santíssimo Salvador, na região central. A escolha do local para abrigar o monumento estava de acordo com o projeto de modernização por que a cidade passara e a ideia de maior visibilidade da peça, tornando-se um dos elementos que compõem o cartão-postal do município¹¹.

A estátua do Expedicionário, de estilo neoclássico, encontra-se na parte central da Praça Santíssimo Salvador. As costas do soldado são voltadas para a Catedral Menor do Santíssimo Salvador, e sua face aponta em direção ao Chafariz de Louça Belga e ao Rio Paraíba do Sul. O Monumento ao Expedicionário retrata a imagem de um praça trajando as vestimentas utilizadas pelos soldados brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial.

A forma como o soldado de bronze foi arquitetado e posicionado dá aos olhos dos observadores a ideia de movimento. Na mão direita, o expedicionário carrega o seu fuzil, enquanto a mão esquerda aponta para baixo e o braço esquerdo é levemente levantado para a frente. As pernas, abertas em ângulo de 45 graus, indicam a ação de caminhar, reforçando a noção de movimento. As características físicas da estátua são:

Possui sete metros de altura e quatro de largura. A figura do soldado, em bronze, tem três metros e nas faces laterais, há alto-relevo alusivo ao embarque de voluntários para a Campanha da Itália. Na parte posterior, uma frase musical, em bronze, da marcha de Guerra “Brasil”, de autoria de Thiers Cardoso. Na parte frontal, uma coroa de louros, em bronze, com a seguinte legenda: “Campos, à glória eterna dos que lutaram pela Pátria” (Monumento..., 2023).

Sua feição foi representada de forma a transparecer intrepidez; o olhar fixo no horizonte e a postura ereta indicam bravura e coragem. A estrutura que sustenta a estátua é de mármore, em corte quadrangular, e suas bases foram cortadas em três partes, formando degraus até o chão. Nas laterais da pedra estão inscrições em alto-relevo em bronze, que fazem menção à partida e morte de Manoel Theodoro de Almeida Batista¹², Cavaleiro do 4.º Batalhão dos Voluntários na campanha do Paraguai, e à marcha dos praças campistas para a Segunda Guerra Mundial.

¹¹ Segundo Mauad e Nunes (1999), as cerimônias e os monumentos dedicados aos expedicionários da FEB ocupam o espaço público, o que pode ser interpretado como uma estratégia para conferir maior visibilidade ao evento, em contraste com os cemitérios, que são lembrados apenas em datas em que se homenageiam os finados. Essa lógica pode ser percebida na escolha do local onde repousam os despojos dos praças mortos: o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, situado no Aterro do Flamengo, zona nobre da cidade do Rio de Janeiro. A localização privilegiada levaria à maior presença do evento na memória da população.

¹² O 56.º Batalhão de Infantaria de Campos adotou o nome de Manoel Theodoro de Almeida Batista em homenagem ao Voluntário da Pátria. Até o ano de 1942, Campos contava com a Escola de Instrução Militar “259”, também conhecida como “Tiro de Guerra 29”. A partir de 1942, o 3.º Batalhão de Infantaria, 3.º do III Regimento de Infantaria de Campos (3.º/III R.I.), passou a operar na cidade. Em 1976, o 56.º Batalhão de Infantaria de Campos iniciou suas atividades. O voluntário Manoel Theodoro é ainda homenageado com um busto em uma das laterais do antigo Fórum de Campos. A estrutura é feita em bloco de granito, e no topo repousa o busto de Theodoro. Na parte frontal do bloco, há uma placa de identificação com a seguinte inscrição: “Capitão Manoel Theodoro 16/07/1843 – 1.º/06/1866. Primeiro campista Voluntário da Pátria na Guerra do Paraguai (1865/1870), comandante da 4.ª Companhia, o Capitão Manoel Theodoro de Almeida Batista, ferido na Batalha de Tuiuti, faleceu em Buenos Aires. É considerado herói pelos historiadores e pelo Exército Brasileiro. Campos dos Goytacazes, 1.º de junho de 2016”.

Figura 1 – Parte frontal do Monumento ao Expedicionário, com destaque para a inscrição: “Campos, à gloria eterna dos que lutaram pela pátria”



Fonte: Acervo pessoal

O monumento é cercado por um pequeno jardim gradeado, onde estão postadas duas pedras fundamentais: uma na parte frontal e outra na parte de trás da estátua¹³.

Na pedra fundamental frontal há uma placa intitulada “Heróis de Campos dos Goytacazes na 2.ª Guerra Mundial”¹⁴, onde estão gravados os nomes dos praças campistas que tombaram e os locais e datas de suas mortes. Segue assim: Amaro Ribeiro Dias – 12/12/1944 – Monte Castelo – Itália; Ernezo José das Chagas – 12/12/1944 – Monte Castelo – Itália; Ignácio Gomes – 12/12/1944 – Monte Castelo – Itália; Jesuíno Ventura – 12/12/1944 – Monte Castelo – Itália; João Peçanha de Carvalho – 12/12/1944 – Monte Castelo – Itália; José Amaro de Souza Peçanha – 21/1/1945 – Abetaia – Itália. Ao lado da inscrição está postada a legenda “Homenagem do Lions Club de Campos”, e logo abaixo do escudo da entidade estão as datas do ano leonístico 77/78 e da inauguração do monumento, 14 de abril de 1947.

A pedra fundamental localizada na parte posterior do monumento traz o seguinte epitáfio:

Aqui jazem os restos mortais de Manoel Theodoro de Almeida Batista, do 4.º Batalhão de Voluntários da Pátria. Cavaleiro da ordem de Cristo, ferido na

¹³ Em 2010 o monumento passou por reformas; as antigas placas e letreiros foram substituídos pela estrutura atual.

¹⁴ A placa de identificação foi doada pelo Lions Clube de Campos, o qual fazia parte da entidade Lions International, uma organização internacional de clubes que tem por objetivo promover trabalhos humanitários e voltados à comunidade em geral, por meio de ações filantrópicas. Foi fundado na cidade de Campos no final da década de 1950. O ano leonístico corresponde ao ano civil americano, que começa em 1.º de julho e termina em 30 de junho.

Batalha de Tuyuty a 24 de maio de 1865. Faleceu em Buenos Aires a 1.º de julho do mesmo ano, com 22 anos. Nas asas do gênio das batalhas foi aos pés do Senhor depor seus louros, na flor da mocidade. Dever à pátria, história e um nome ilustre à sua mãe, irmãos e amigos, os prantos da saudade.

Uma questão intrigante surgiu ao longo desta pesquisa: o monumento comemora apenas um Voluntário da Pátria, Manoel Theodoro, não os Voluntários da Pátria campistas. Theodoro era irmão do Barão de Miracema e aos 21 anos foi o primeiro a assinar o livro de inscrições dos voluntários, aberto pela Câmara Municipal de Vereadores de Campos, como é evidente no *Livro de Ouro* da cidade. Além disso, Manoel Theodoro foi o comandante da primeira leva de voluntários campistas que partiram em fevereiro de 1865. No *Livro de Ouro* constam ainda as assinaturas de outros voluntários e daqueles que doaram numerários para custear a campanha de guerra brasileira. Apesar disso, não conseguimos identificar o quantitativo de voluntários que partiram de Campos ou o porquê de Manoel Theodoro ser o único voluntário homenageado, assim como não encontramos registros à época de comemorações referentes à Guerra do Paraguai. Sabemos que Theodoro era membro da elite campista e de família influente na cidade, mas não faremos suposições sem embasamento.

A ata de inauguração do Monumento ao Expedicionário, escrita nas páginas do *Livro de Ouro de Campos dos Goytacazes*, descreve como se deu a solenidade ocorrida no dia 14 de abril. Às oito horas da manhã, foi celebrada uma missa solene na Catedral Menor Santíssimo Salvador pelo arcebispo D. Otaviano Pereira de Albuquerque, com a presença da Associação de Ex-Combatentes de Campos, autoridades estaduais, federais e municipais e a população local. Em seguida, houve a transladação dos despojos de Manoel Theodoro de Almeida Batista, do Cemitério do Carmo, para serem depositados em uma urna sob o monumento.

Um breve adendo: em um primeiro momento, os corpos de todos os brasileiros mortos durante a Campanha da Itália foram enterrados no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, na Itália. Posteriormente, em 1960, os despojos daqueles que tombaram em solo italiano foram transladados para o Brasil e sepultados sob o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, onde permanecem até hoje¹⁵.

Durante a década de 1960, em Campos, houve uma movimentação para que os despojos dos praças que morreram no pós-guerra fossem enterrados sob o Monumento ao Expedicionário. A prefeitura da cidade, por meio da deliberação 948 da Câmara Municipal, ficou responsável pela administração das sepulturas dos ex-combatentes, localizadas no Cemitério do Caju. Parentes e demais interessados em enterrar seus entes sob o monumento deveriam solicitar à Prefeitura a realização desse procedimento, apresentando a documentação que comprovasse que o falecido havia sido integrante da FEB, no entanto o projeto não foi adiante.

Em 1998 o assunto ressurgiu nas comemorações do 53.º aniversário do Dia da Vitória. Durante a cerimônia, Rubens Pereira, presidente da Associação de Ex-Combatentes de Campos na época, prometeu o traslado dos praças enterrados no Cemitério do Caju para o monumento. Na mesma ocasião, o coronel Wesley Moretti, então comandante

¹⁵ Após o traslado dos despojos dos praças enterrados em Pistoia para o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, o cemitério foi transformado em um parque memorial, batizado de Monumento Votivo Brasileiro da Segunda Guerra Mundial. O local ainda abriga os restos mortais de um praça brasileiro sem identificação, encontrado após o processo de traslado para o Brasil.

do 56.º Batalhão de Infantaria locado na cidade, confirmou que o traslado poderia ser executado sem que a família dos praças estivesse de acordo¹⁶.

Outro ponto a destacar na proposta de sacralizar os heróis da cidade ao sepultá-los sob o monumento que os consagra é a confusão que se tem na cidade sobre onde estão seus mortos na Segunda Guerra Mundial.

Ainda no 53.º aniversário do Dia da Vitória, podemos perceber a falta de conhecimento sobre onde estão os mortos em combate campistas na fala do coronel Moretti, que afirmava que sob o Expedicionário estavam os “soldados mortos em combate”. O erro surge novamente em 2009, em uma matéria do *Monitor Campista* sobre o Dia da Vitória, ao noticiar: “no Monumento dos Ex-Combatentes estão os despojos de alguns pracinhas de Campos que morreram em combate na Itália, além dos restos mortais do capitão Manoel Theodoro de Almeida Batista” (*Monitor Campista*, 9 maio 2009, p. 7).

Retomando: a comitiva do governador do estado do Rio de Janeiro, para a cerimônia, foi composta pelo capitão João Batista Vieira, ajudante de ordens; Brito de Almeida Santos, secretário de Viação e Obras Públicas; Arthur Tilau, secretário da Agricultura; Fernando Lavrador, chefe do gabinete; Arêas Leão, diretor do Departamento de Engenharia da Sociedade de Vendas e Operações Portuárias (SVOP); João Moraes, diretor do Departamento de Estradas e Rodagem; e o jornalista J. T. de Castro Alves, da imprensa estadual.

Logo após a missa, às dez horas da manhã, as atenções foram dirigidas para a Praça São Salvador, onde a solenidade de inauguração do monumento acontecia. O prefeito Aquiles Sales discursou em nome do povo campista para plateia diversa, com estudantes, adultos, jovens, senhores e senhoras. O evento contou com a revoada do aeroclube local.

Ao som dos hinos Nacional e da Bandeira e da marcha “Brasil”, de autoria de Thiers Cardoso, foi descerrada a cortina que velava a estátua. Após o descerramento da cortina e das bênçãos ao monumento, Alcides Maciel, presidente da Associação de Imprensa Campista, representando a Comissão Pró-Monumento ao Expedicionário, discursou, seguido de: Capitão Edgar Amaral, representante do ministro da Guerra; Dr. João Balbi Filho, representando os ex-combatentes; coronel Macedo Soares, que presidia o evento; Edmundo Macedo Soares e Silva, governador do estado do Rio de Janeiro.

Em seu discurso, o governador destacou:

Não somos, atualmente, diferentes do que fomos no passado. Bem avisada se mostrou a comissão, que tomou a seu cargo realizar esta obra, pensando em reunir os restos de um veterano glorioso da guerra do Paraguai à memória dos que tombaram em solo europeu. Sucumbiram, sem dúvida, pela mesma idéia, a de defender a Pátria, em qualquer emergência, com sacrifício da própria vida. É a realização da promessa que canta o conscrito nos quartéis e que está inscrita no Monumento: Todo o vigor que o nosso corpo encerra é teu, só teu, Brasil amado! (*Monitor Campista*, 9 maio 1947, p. 1).

¹⁶ Assim como Mauad e Nunes (1999), Ferraz (2018) também destaca o fato de que o corpo dos febianos mortos em combate não pertenciam mais às suas famílias ou a si próprios, passando a ser considerados propriedade da nação. Durante o processo de traslado dos despojos dos praças enterrados no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia para o Brasil e a construção de um monumento-mausoléu para abrigá-los, as famílias dos praças não foram consultadas sobre a possibilidade de reaver seus mortos ou sobre como gostariam de inumá-los. Sobre o assunto, ver Ferraz (2018) e Mauad e Nunes (1999).

Soares e Silva, em sua fala, fez elogio às duas comissões campistas que buscaram eternizar seus heróis. A referência à Comissão Pró-Monumento de 1947 fica explícita ao destacar que “bem avisada se mostrou a comissão, que tomou a seu cargo realizar esta obra [...]” e, implicitamente, a comissão pró-monumento aos voluntários de 1870 é relembrada na frase: “Não somos, atualmente, diferentes do que fomos no passado” (Monitor Campista, 9 maio 1947, p. 1). Essa breve alusão conecta passado e presente, pois em ambos os tempos o sentimento de civismo da população campista foi mantido pela memória daqueles que lutaram pela Pátria.

Não me surpreende que, neste quatorze de abril, em Campos, estejamos reunidos numa solenidade cívica, inaugurando um monumento que perpetue a memória dos que lutaram pela Pátria. [...] A tradição local é profundamente brasileira, seus vultos são representativos da cultura e das aspirações da Raça. Não pode surpreender a ninguém, pois, que o povo que, não obstante sua índole pacífica e pacifista, sempre se levantou para lutar pelos seus direitos, que os campistas, que perderam milhares de representantes seus no sólo paraguaio, se reúnam, hoje, em redor deste trabalho de Modestino Kanto, para homenagear o soldado brasileiro. A ideia foi de particulares, tinha que ser. Haveria de vir do povo, na sua irreprimível ansia patriótica de exprimir a admiração e a gratidão dos campistas pelo que fizeram nossos expedicionários na Itália (Monitor Campista, 9 maio 1947, p. 1).

Ainda em seu discurso, o governador saudava o patriotismo e o civismo daqueles que perderam a vida em defesa da pátria, homenageando os soldados brasileiros. Para além disso, Soares e Silva chamava a atenção para a função que o monumento assumia: a de perpetuador da memória daqueles que lutaram pela pátria, atribuindo à estátua a qualidade de consagrar dois eventos da história nacional e de manter viva a sua memória. Percebe-se que as personagens históricas não foram postas em questão, mas sim a forma de perpetuar a sua memória.

Outro ponto que merece ser destacado na alocução de Soares e Silva foi a tentativa de consolidar um sentimento de gratidão e admiração do povo para com os soldados que lutaram nas duas guerras e seus feitos. O Monumento ao Expedicionário afirma esse discurso nas suas inscrições em bronze: “Campos, à glória eterna dos que lutaram pela Pátria”.

Certamente o enunciado de “gratidão” está explícito ou implícito em muitas peças de caráter histórico que compõem o acervo da imaginária urbana, justamente por se referirem a personagens da história. Logo, “fica, assim, simbolicamente estabelecido um princípio de agradecimento da sociedade urbana pela ação e vida exemplar de determinados indivíduos” (Knauss, 1999, p. 9). Vale ressaltar que quase sempre o enunciado de “gratidão” se refere a personagens da história nacional, “fazendo com que, por extensão, a sociedade seja grata à ação do Estado” (Knauss, 1999, p. 9). Entretanto, ao identificarmos os anseios da elite campista em tornar a cidade de Campos a nova capital fluminense, com todas as transformações no tecido urbano que acompanharam essa empreitada, podemos classificar o Monumento ao Expedicionário como uma

imagem da “vaidade”¹⁷. Isso ocorreu porque o Expedicionário buscou identificar-se com a cidade ao monumentalizar a paisagem urbana e, “através da *vaidade*, a sociedade surge unificada e a ordem social fortalecida” (Knauss, 1999, p. 10).

Retornando à cerimônia de inauguração do monumento, às onze horas houve o desfile cívico-militar em continência ao Presidente da República (representado na ocasião pelo coronel-aviador Gabriel Moss), ao monumento e às autoridades. Participaram do desfile as bandas do Batalhão de Guardas e Forças Públicas do Estado e todas as corporações de Campos, alunos do Instituto de Educação (Liceu), os colégios São Salvador, Bittencourt, N. S. Auxiliadora, Batista Fluminense e as escolas Nilo Peçanha e Técnica de Campos.

Perto de meio-dia foi oferecido um coquetel na Usina do Queimado pela firma Julião Nogueira & Irmãos. O almoço, concedido pelo prefeito Aquiles Sales, foi servido no Automóvel Clube Fluminense, sendo brindado Leal Júnior, secretário do Interior e Justiça; o brinde de honra ao presidente da República coube a Nelson Rebel, presidente da Constituinte Federal. À noite, a Praça São Salvador, com iluminação extra, teve nova apresentação de bandas militares visitantes.

RITO, MITO E COMEMORAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO *HERÓI*

A cerimônia e a comemoração da imagem são partes fundamentais da ritualização dos monumentos e promovem sua recepção social e política. O sentido da comemoração, além de sua qualidade festiva, está associado a um movimento de restabelecimento de marcas que, pela sua ritualização, institui os símbolos, ressignificando o passado. Desse modo, fez parte do ritual de inauguração do Expedicionário a celebração de missas, de solenidades públicas, a participação de autoridades dos diversos escalões da sociedade, discursos, descerramento de placas e o monumento – elementos que formam a seara na qual a história é reinventada (Benjamin *apud* Montenegro, 1998). Logo, comemorar também se torna a ação de reviver, de forma coletiva e simbólica, a memória de um acontecimento considerado “marco fundador”, o retorno às origens e a busca dos valores de uma comunidade.

No processo de comemoração pela memória, no qual as ações humanas são priorizadas, o passado é reelaborado e reapropriado, sob uma ótica particular, a fim de servir como elemento simbólico na consagração do “começo” (Knauss, 1998). Nesse sentido, a análise da cerimônia de inauguração do Monumento ao Expedicionário de Campos dos Goytacazes indica que o rito social envolveu a imagem, chamando a atenção para o potencial da escultura pública para mobilizar a sociedade. Como afirma Knauss (2010, p. 1), “é no processo de ritualização que a escultura se apresenta ao olhar”.

¹⁷ As cidades de Campos e Petrópolis, esta última localizada na região serrana do estado do Rio de Janeiro, passaram por reformas urbanas com o objetivo de alcançar os padrões das capitais de outros estados e das cidades europeias. O estilo moderno e higienista estava em alta na época. As mudanças estruturais eram acompanhadas pela ambição de campistas e petropolitanos de que a capital estadual fluminense fosse transferida de Niterói para uma das duas cidades concorrentes. Campos adiantou em mais de um mês a inauguração do Monumento ao Expedicionário, uma vez que Petrópolis havia inaugurado meses antes seu próprio monumento em homenagem aos pracinhas petropolitanos, com a presença de figuras políticas ilustres, tanto estaduais quanto federais. Contudo não devemos compreender o Monumento ao Expedicionário apenas como o final de um ato de sacralização de narrativas históricas e dos indivíduos que participaram dele. Infelizmente, para ambas as cidades, Niterói manteve-se como capital estadual. Sobre o assunto, ver Costa (2024).

O rito de comemoração – o festejo, os discursos, a celebração da missa, a participação do povo e de figuras políticas federais, municipais e estaduais – e a escolha da data de inauguração do Monumento ao Expedicionário são elementos constitutivos do imaginário social de celebração da peça.

A consagração de uma morte individual ou coletiva é o epílogo da mistificação de atos que, para um determinado grupo, superam a condição humana. Do mito surge a figura do herói.

Apesar de deter todas essas qualidades, um indivíduo só se tornará herói pelos critérios consensuais do grupo no qual está inserido. Nesse sentido, o conceito de *herói* muda de acordo com o tempo e o lugar (Telles; Valle, 2009).

A ideia do herói pertence à memória coletiva e relaciona-se com a identidade nacional e coletiva (Matos, 1994). Sua principal característica é o sacrifício em nome do bem-estar comum. A construção do herói e da narrativa que o cerca busca trazer qualidades louváveis e desejáveis aos demais, mas ao mesmo tempo revela fraquezas que o tornam mais humano e aceitável (Telles; Valle, 2009).

A narrativa consagra a jornada do indivíduo considerado notável pelo seu grupo, em que geralmente ele, o herói, enfrenta mudanças em seu mundo comum e visa restaurá-lo, ou parte para novas descobertas e desafios, culminando em sua própria transformação (Telles; Valle, 2009). Essa lógica é perceptível no livro produzido pelas normalistas do Instituto de Educação de Campos, que buscou em suas páginas consagrar como heroicos os praças campistas e seus feitos¹⁸. Conforme é apresentado na passagem referente ao praça João Luís Salgado Rodrigues:

João Luís Salgado Rodrigues, que fazia parte integrante desse valoroso Regimento, sentia no peito o entusiasmo vibrado pelo sentimento de todos, por cumprirem tão nobre missão. No entanto, talvez passasse pela sua mente a idéia de que seus pés não mais pisassem em terras de sua Pátria distante; de que seus olhos não mais admirassem a natureza tão bela de seu país bem amado; de que seus entes queridos não mais o vissem. No fundo do seu coração, entretanto, palpitava logo a esperança e nêle havia confiança em Deus! Traria vitorioso o nosso Auri-verde Pendão e regressaria de glórias ao solo natal!¹⁹

Outra característica do arquétipo do herói é o confronto com a morte, tanto física como simbólica. É nesse embate em que há o triunfo do herói sobre a morte ou, quando não, a sua consagração como mártir. A finitude de sua vida definirá o legado de sua imagem e jornada no grupo ao qual pertence (Matos, 1994).

¹⁸ Em maio de 1988 a Associação de Ex-Combatentes de Campos entregou a Comenda Francisco Ferreira da Paixão, nome que homenageava um praça da FEB, a civis que prestaram serviço à entidade. A programação para a entrega da comenda, organizada pela associação em parceria com o 56.º Batalhão de Infantaria da cidade, contou com uma missa na Catedral do Santíssimo Salvador, uma solenidade cívico-militar ao Monumento ao Expedicionário e aos ex-combatentes e, por fim, uma solenidade na sede da associação, presidida por Rubens Pereira. Foram agraciadas com a comenda quatro voluntárias da Legião Brasileira de Assistência de Campos: Maria Teixeira Ferreira Piuto, Gilma Pessanha Ribeiro, Florisbela dos Santos Melo e Etelvina Pessanha da Rocha Lima. Segundo os ex-combatentes, essas voluntárias destacaram-se no trabalho de assistência social aos praças após o fim da guerra. Também foram agraciadas algumas alunas do 3.º ano normal do Liceu de Humanidades de Campos, turma de 1945, que confeccionaram o álbum dos expedicionários campistas. Seus nomes: Corazita Teixeira Balbi, Marília Bulhões dos Santos Carneiro, Doraleis de Almeida, Ailta Neves, Maria Florinda de Oliveira Monteiro e Rosalsmênia Corrêa Vila (Monitor Campista, 6 maio 1988, p. 6).

¹⁹ Trecho referente a João Luís Salgado Rodrigues, do livro produzido pelas alunas do 2.º ano da Escolaridade de Professoras do Instituto de Educação de Campos, ano de 1945.

Em 1944, o Brasil concentra seus filhos para lutarem nos campos europeus, pród da liberdade. Combateu os revoltosos adversários nazistas pelo que derramou na terra italiana seu sangue brasileiro, longe de Pátria e da família querida, falecendo a 21 de janeiro de 1945. Seu nome é escrito neste album, lembrança de campistas patriotas que também procuraram nestas páginas gravar o feito glorioso de mais um filho da Terra Goitacá, que deu a vida em troca da liberdade do Brasil!²⁰

Na cidade de Campos dos Goytacazes, o Monumento ao Expedicionário agracia os soldados campistas vivos e mortos das campanhas do Paraguai e da Segunda Guerra Mundial, tendo sob a escultura a urna com os restos mortais de um dos Voluntários da Pátria da cidade. As narrativas históricas e os indivíduos participantes delas são suspensos do processo histórico e a eles e seus feitos são atribuídos valores *heroicos*, já que, em ambos os conflitos, houve agressão à Pátria, sendo necessário o envio de tropas para defendê-la do inimigo agressor.

Não somente a estátua expressa o heroísmo dos homenageados por ela, mas todo o ritual de sua recepção, a cerimônia, os discursos, a missa solene, a participação de integrantes políticos e militares e, principalmente, a participação popular visavam constituir um imaginário social de devoção ao herói e de sua jornada pelo monumento.

Parte do discurso de Edmundo de Macedo Soares, durante a inauguração do Monumento ao Expedicionário de Campos, destaca qualidades dos soldados brasileiros durante as batalhas travadas na Itália, os quais, apesar das adversidades e do medo, não se deixaram abater, superando as dificuldades e conquistando seus objetivos.

Edmundo de Macedo afirma que estes atributos, bravura e intrepidez, não são características reconhecidas no cotidiano do povo brasileiro, mas que foram manifestadas em momentos críticos, seja pelos Voluntários da Pátria, seja pelos praças da FEB. O destaque positivo dá-se, pois, em ambas as campanhas: as tropas brasileiras saíram vitoriosas com um contingente que em grande parte não pertencia às Forças Armadas.

Comove e arrebatava pensar naquele sargento encontrado morto, finda a peleja, junto a uma casamata conquistada, tendo presa a uma das mãos uma fâmula inimiga! Empolga imaginar a bravura daquele jovem tenente que tendo ocupado, com seu pelotão, uma posição perigosa, teve o sangue frio de tomar todas as providências para que sua ação fosse reforçada. Vêde bem: são qualidades que, por vezes, nos negam e nas quais não pensamos comumente, como apanágio de nossa gente e, no entanto, foram elas reveladas em horas as mais decisivas da vida de um homem: na batalha frente ao fogo inimigo – bravura, espírito de sacrifício, sangue frio²¹.

Na fala do governador, é destacado o embate com a morte, transportando para o campo simbólico a morte do sargento próximo a uma casamata após uma batalha – transformando-a em um martírio – e as ações do tenente, que teve de tomar decisões precisas diante do perigo, em um triunfo sobre ela. Em ambos os casos, os atos dos envolvidos são considerados *heroicos*, ou seja, louváveis e dignos de homenagem.

A inscrição de datas e imagens em alto-relevo nas laterais do monumento reforça a alusão à narrativa que está em destaque. Na lateral esquerda do Expedicionário, está em alto-relevo em bronze a cena que representa um soldado segurando as mãos de uma mulher e, acima de ambos, a figura de dois anjos sobrepondo-se a um cenário

²⁰ Trecho referente a José Amaro de Souza e Pessanha, do livro produzido pelas alunas do 2.º ano da Escolaridade de Professoras do Instituto de Educação de Campos, ano de 1945.

²¹ Parte do discurso de Edmundo de Macedo Soares e Silva, governador do estado do Rio de Janeiro (Monitor Campista, 15 abr. 1947, p. 1).

de batalha. Logo abaixo estão inscritas, também em bronze, as datas de 1860-1870, os anos de início e fim da Guerra do Paraguai – uma clara menção ao Voluntário da Pátria e uma representação romântica de sua morte no campo de batalha do Tuiuti.

Figura 2 – Parte da lateral esquerda do Expedicionário



Fonte: Acervo pessoal

Na lateral direita, também em alto-relevo em bronze, está a imagem de dois grupos de soldados perfilados marchando rumo ao horizonte e guiados por seu comandante. Abaixo dessa representação estão as datas 1942-1945, anos em que o Brasil esteve diretamente envolvido na Segunda Guerra Mundial.

Figura 3 – Parte da lateral direita do Expedicionário



Fonte: Acervo pessoal

Diferentemente do relevo à esquerda, este não retrata a morte ou uma batalha. Parece valorizar a disciplina e a ordem militar. Isso permite inferir, por meio do conjunto da obra, que o Expedicionário busca relacionar-se com a construção da memória nacional, ao concatenar dois tempos distintos da história do país em seus altos-relevos: o Império e a República. Além disso, um componente parece ser o aglutinador dos sentidos dessa peça: embora comemore duas histórias e memórias distintas, existe o fato de que a figura dos soldados simboliza o encontro entre o Estado e o cidadão.

No dia 14 de abril é comemorado o aniversário da vitória da Batalha de Montese, um dos maiores feitos do Exército brasileiro durante a Campanha da Itália. Trata-se de um marco *heroico*. A lógica do Monumento ao Expedicionário buscou em sua narrativa histórica associar a partida dos Voluntários da Pátria e a dos praças ao marco do Exército e da história do Brasil. O apelo afetivo para a recepção do monumento e a devoção dos atos heroicos dos homenageados dá-se, simbolicamente também, no depósito dos despojos de Manoel Theodoro de Almeida Batista sob a estátua, valorizando, no campo simbólico, a morte do soldado e revelando a intenção de demonstrar o sentido patriótico e universal dela.

O monumento em si traduz-se como a materialização da jornada dos heróis campistas. A inscrição em sua parte traseira, *"Todo o vigor que nosso corpo encerra é teu, só teu, Brasil amado"*, reforça a ideia de que as ações e a morte dos envolvidos nos dois eventos supracitados evidenciam valores cívicos.

Nesse sentido, buscou-se transferir as ações do passado para um território mítico, em um tempo e um espaço anteriores, com a participação de sujeitos jovens e comuns, sobreviventes ou mortos em combate contra estrangeiros que agrediram a Pátria. Notam-se, portanto, o destaque dado aos soldados campistas e a valorização de suas ações, definidas como guerreiras, indicando o caráter extraordinário e heroico deles, além de se reconhecer a participação de Campos na história nacional.

Dessa maneira, as figuras homenageadas – o Voluntário da Pátria e os praças – correspondiam a um tempo primordial da cidade, cuja importância se relacionava com a unidade nacional. Associou-se a morte de homens campistas, nas duas maiores guerras em que o Brasil esteve envolvido diretamente, à defesa do território, inserindo a cidade no conjunto da organização federal e afirmando localmente a unidade nacional por meio do apelo ao passado. Nesse sentido, a introdução de Campos na sociedade nacional era fortalecida pelos fatos históricos registrados na imagem.

A continuação das comemorações ao Expedicionário, aos praças e ao Voluntário da Pátria e o brilho de sua inauguração perderam-se quase de forma instantânea. As comemorações ficaram restritas ao dia 8 de maio, o Dia da Vitória, e ao 25 de agosto, Dia do Soldado. A grande pompa e o prestígio popular e político não se mantiveram nos anos seguintes a 1947²². A partir da década de 1960, outro fator contribuiu para a confusão e o ofuscamento dos sentidos do Expedicionário: o Lions Clube e o Batalhão de Infantaria da cidade, que mais tarde se tornaria o 56.º Batalhão de Infantaria, passaram a comemorar no Expedicionário as datas e eventos relacionados à história militar nacional. Essa atitude, segundo os membros do clube e da caserna, era identificada como patriótica

²² Podemos perceber nas comemorações dos 52 anos do fim da guerra o esvaziamento simbólico dos praças campistas, o esquecimento e as consequências das ações de institucionalização da memória desse grupo pelo Exército. Sem a participação do 56.º Batalhão de Infantaria, os ex-combatentes de Campos promoveram a cerimônia do 52.º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial. Sobre a ocasião, o Monitor Campista (9 maio 1997, p. 1-4) destaca: "[...] ontem em solenidade promovida pela Associação dos Ex-Combatentes de Campos, que reuniu cerca de 25 ex-pracinhas campistas. Autoridades militares não compareceram e o prefeito Garotinho enviou representante. As pessoas que passavam pela praça São Salvador, não deram muita atenção à cerimônia, que contou com colocação de flores no monumento ao Expedicionário brasileiro".

e cívica, mas na verdade produzia a confusão entre o que estava sendo representado no monumento e o Exército, sobrepondo a imagem do Exército nacional “Caxias” à dos febianos e do Voluntário da Pátria. Pode-se perceber essa confusão na própria imprensa da cidade:

A intenção desta homenagem, sempre no dia 25 de agosto, é de manter vivo o valor cívico da data e o espírito de patriotismo e amor à Pátria, sentimento que motivou a ida de muitos soldados, especialmente de Campos às campanhas pela Itália, por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Um dos ex-combatentes lembrados na solenidade foi o capitão Manoel Theodoro, entre os que tombaram nos confrontos de 1945 (Monitor Campista, 26 ago. 1998, p. 5).

O erro grotesco sobre a morte de Manoel Theodoro e a confusão entre o Dia do Soldado e o Monumento ao Expedicionário ficam explícitos. Outro fator que promove confusão sobre o real sentido do monumento é o fato de que, atualmente, a Associação de Ex-Combatentes de Campos é gerida por aqueles que participaram da Missão de Paz no Canal de Suez, representando o Brasil na ONU. O novo contingente dessa associação promovia atividades junto com o Exército e eventos privados aos pés do Expedicionário, principalmente no dia 8 de maio.

Entre os mais jovens, o Monumento ao Expedicionário exerce principalmente a função de referência espacial, o que revela o desbotamento simbólico da peça como um lugar de memória – tanto que sua própria estrutura foi afetada por conta das atividades de jovens esquetistas que utilizavam o monumento como obstáculo para execução de manobras. A Secretaria de Cultura da cidade interveio para

a restauração da base daquela obra de tanto significado histórico e sentimental para os campistas. [...] foi possível resgatar as legendas danificadas nos últimos meses pelos praticantes de skate. [...] Mas os danos causados à obra foram imensos, e por pouco não se perde mais uma página importante de nossa história (Monitor Campista, 5 ago. 2009, p. 8).

Em nossa última visita à cidade de Campos, em 8 de maio de 2021, identificamos sob a base da estátua, colocada sobre o gradil, uma coroa de flores. No ano seguinte, não vimos comemorações relacionadas ao Dia da Vitória, por causa da pandemia de covid-19. Até mesmo dois anos antes da pandemia, não identificamos nenhuma comemoração, cívica ou militar.

O Monumento ao Expedicionário, nos anos que se seguiram à sua inauguração, não alcançou o *status* de lugar de memória cultuado, e nem a lembrança imortalizada em bronze e mármore nem os homenageados foram consagrados no tecido social. As memórias sobre a guerra e o culto às lembranças desse evento ficaram reclusos aos grupos que dele participaram e ao culto familiar dos parentes de ex-combatentes. Às vezes, timidamente, algumas dessas memórias escapam de seus círculos e se manifestam, aparecendo para os demais como a imagem de um passado distante e quase inalcançável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes mesmo do calar dos canhões, monumentos já eram erguidos em homenagem aos soldados brasileiros que lutavam no *front* europeu²³. A tendência seguiu no pós-guerra, e em diversas partes do país foram erigidas inúmeras construções em diferentes

²³ No dia 1.º de maio de 1944, na cidade de Boituva, interior do estado de São Paulo, foi inaugurado um obelisco em preito aos expedicionários que dela partiram (Mattos, 1960, p. 104).

formas, como obeliscos, estátuas, arco do triunfo, monumento-mausoléu e outros, em preito àqueles que lutaram na Guerra Mundial (Mattos, 1960).

Apesar de terem saído de todas as regiões do país homens que compuseram a FEB, a disposição dos monumentos a essa entidade concentra-se, fundamentalmente, nas regiões Sudeste e Sul. Vale ressaltar que, entre as capitais estaduais e os municípios do interior, a maior densidade de peças comemorativas relacionadas à FEB encontra-se em regiões interioranas, como no caso do Monumento ao Expedicionário.

Pela construção de tais monumentos e com base na retórica textual da comemoração dessas peças, pode-se perceber a inserção dessas regiões e de seus filhos na história nacional. Assim, são dadas aos “filhos dessa terra” e a suas ações a exaltação de grandes acontecimentos e a consagração cívica dos “grandes homens” (Catroga, 2010, p. 173). De um lado,

o monumento funciona como uma bandeira que mostra que a comunidade também tem parte na nação. Por outro lado, o monumento é uma “declaração de afiliação tribal” que representa um “patriotismo” local, e que ajuda a distingui-la de outras cidades parecidas por ser um tributo cívico e um tributo de derramamento de sangue (Almog *apud* Rosenheck, 2008, p. 12).

Outro fato importante é que a maioria dos monumentos brasileiros à FEB não homenageia os mortos, mas os vivos. O luto e a saudade dos que não voltaram são postos em segundo plano, prevalecendo o respeito e o enaltecimento àqueles que partiram e voltaram com vida.

Em 14 de abril de 1947 a cidade de Campos dos Goytacazes inaugurava o Monumento ao Expedicionário, sacralizando os praças campistas da Segunda Guerra Mundial e o cavaleiro Manoel Theodoro de Almeida Batista, morto durante a Campanha do Paraguai. Em ambos os casos, a consagração da jornada heroica dos homenageados suspendeu-os ao panteão dos heróis nacionais, dignos de culto.

No momento de sua idealização e inauguração, o Monumento ao Expedicionário realizou plenamente sua função memorial: exaltar a nação e seus heróis em diferentes temporalidades, configurando-se como um elemento do processo cívico pedagógico por meio de sua representação imagética. Sua grande recepção positiva no tecido social deu-se justamente pelo fato de que a memória da guerra e o seu fim ainda estavam presentes na sociedade. Contudo, conforme o tempo passa, a sociedade também muda, no sentido de que novos indivíduos nascem e outros morrem; assim, para que a memória específica da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial e das peças que a ela fazem alusão continue tendo seus sentidos preservados, é necessário lembrar.

A problemática reside, justamente, quando analisamos a longa duração. Nos anos subsequentes ao pós-guerra, os monumentos foram perdendo seu sentido, assim como o projeto cívico pedagógico. Atualmente, apesar da institucionalização da memória da FEB e dos lugares de memória dos pracinhas, em ambos os casos pelo Exército, no tecido social essa passagem e seus lugares estão desbotando. As comemorações, as rememorações e o prestígio ficaram confinados na caserna, não alcançando os demais segmentos da sociedade.

Podemos constatar, presentemente, que a passagem brasileira na Segunda Guerra Mundial empalideceu na memória social da nação. Os debates e a tentativa de preservação da memória dos praças estão, em grande parte, reclusos às associações de ex-combatentes e grupos entusiastas sobre o tema. À ciência História também coube a tarefa de preservar e construir memórias sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial pela ação de historiadores.

Infelizmente, hoje em dia, o Monumento ao Expedicionário de Campos dos Goytacazes tem mais utilidade para a sociedade civil como ponto de referência geográfica do que como lugar de memória.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BURKE, Peter. História como memória social. *In*: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 163-182, jan.-jun. 2010.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2017.

COSTA, Gabriel Motta. **Gente que vira estátua**: imagem, memória e civismo – o Monumento ao Expedicionário de Campos dos Goytacazes e o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (1942-1960). Dissertação (Mestrado em História Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. (O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964), t. III, v. 10).

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou**: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). Londrina: Eduep, 2018.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda., 2007.

KNAUSS, Paulo. A festa da imagem: a afirmação da escultura pública no Brasil do século XIX. **19&20**, Rio de Janeiro, v. V, n. 4, out.-dez. 2010.

KNAUSS, Paulo (org.). **Cidade Vaidosa**: imagens urbanas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

KNAUSS, Paulo. **Imagens urbanas e poder simbólico**: esculturas e monumentos públicos nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. 1998. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

LAMEGO, Alberto. **A terra Goytaca à luz de documentos inéditos**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1942. v. V.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1992.

MATOS, Olgária Chain Féres. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. **Tempo Social – Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 83-90, 1994.

MATTOS, João Baptista. **Os monumentos nacionais: a Força Expedicionária no bronze**. Rio de Janeiro: Imp. do Exército, 1960.

MAUAD, Ana Maria; NUNES, Daniela Ferreira. Discurso de uma morte consumada: monumento dos pracinhas. In: KNAUSS, Paulo (org.). **Cidade Vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **A invenção das comemorações**. Recife: Universidade de Pernambuco, 1998.

MOTTA, Norma Aparecida Leite; SOUZA, José Henrique Aguiar de. **A transformação espacial da Praça São Salvador em Campos dos Goytacazes/RJ (2004/2005)**. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Cefet-Campos, Campos dos Goytacazes, 2010.

PIOVEZAN, Adriane. **Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções no Brasil (1944-1967)**. 2014. 298 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ROSENHECK, Uri. Entre a comemoração do passado e a construção do futuro: os monumentos da FEB em seus contextos. **Militares e Política**, n. 3, p. 7-16, jul.-dez. 2008.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SANZ, Jasmine Andrade. **Ambiências, usos e sentidos de um espaço público: a Praça São Salvador em Campos dos Goytacazes**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2019.

TELLES, Verônica; VALLE, Cléa Fernandes Ramos. O mito do conceito de herói. **Revista do ISAT**, v. 7, p. 10-17, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FONTES

Fontes impressas:

LIVRO de Ouro de Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes, s.d.

LIVRO produzido pelas alunas do 2.º ano da Escolaridade de Professoras do Instituto de Educação de Campos do ano de 1945. Aplicação do método de “projetos” na cadeira de Prática de Ensino da Professora Laudelina de Castro. Campos dos Goytacazes, 1945.

Periódico:

MONITOR CAMPISTA. Campos dos Goytacazes, p. 1-4, 20 abr. 1946. Disponível no Acervo do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes.

MONITOR CAMPISTA. Campos dos Goytacazes, p. 1, 15 abr. 1947. Disponível no Acervo do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes.

MONITOR CAMPISTA. Campos dos Goytacazes, p. 1-4, 9 maio 1947. Disponível no Acervo do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes.

MONITOR CAMPISTA. Campos dos Goytacazes, p. 6, 6 maio 1988. Disponível no Acervo do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes.

MONITOR CAMPISTA. Campos dos Goytacazes, p. 1-4, 9 maio 1997. Disponível no Acervo do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes.

MONITOR CAMPISTA. Campos dos Goytacazes, p. 5, 26 ago. 1998. Disponível no Acervo do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes.

MONITOR CAMPISTA. Campos dos Goytacazes, p. 7, 9 maio 2009. Disponível no Acervo do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes.

MONITOR CAMPISTA. Campos dos Goytacazes, p. 8, 5 ago. 2009. Disponível no Acervo do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes.

Sites visitados:

DICIO – DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa284866/modestino-kanto>. Acesso em: 26 set. 2020.

INSTITUTO Geográfico de Campos. Disponível em: <https://ihgcg.blogspot.com/2017/10/sangue-na-praca-sao-salvador.html>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MONUMENTO ao Expedicionário de Campos dos Goytacazes, RJ. **Biblioteca IBGE**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445138&view=detalhes>. Acesso em: 1.º fev. 2023.